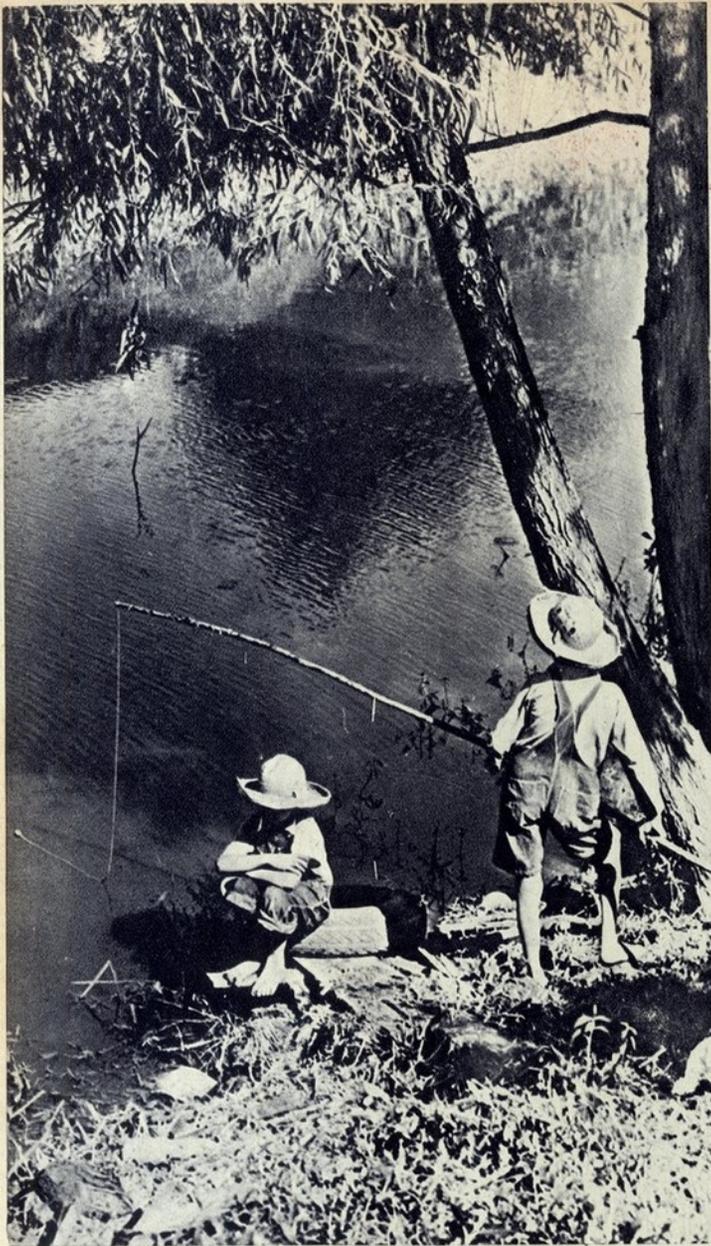


52
DEPÓSITO LEGAL
= DET 1942

MUNDO GRÁFICO



O venerando
Chefe do Estado
com uma
das suas graciosas
netas
no dia do seu
aniversário
natalício



PESCA NO RIO

O GRANDE ARSENAL

Por Edward R. Stettinius Junior,
administrador da Lei dos
Empréstimos e Arrendamentos

A Lei dos Empréstimos e Arrendamentos, aprovada pelo Congresso dos Estados Unidos, foi projectada para facilitar a entrega de navios, aviões, tanks, canhões, mantimentos e outros artigos essenciais à Inglaterra. Mas, com a entrada dos Estados Unidos na guerra, reconheceu-se a necessidade de alargar o âmbito da lei, adaptando-a às exigências da guerra total.

Apesar da censura militar não permitir a divulgação de pormenores, pode afirmar-se, sem receio, que os Empréstimos e Arrendamentos deixaram há muito tempo de constituir uma operação unilateral.

Os Estados Unidos não só fornecem mantimentos e munições aos seus aliados, como recebem deles várias mercadorias essenciais ao seu gigantesco esforço de guerra. A «Inversão dos Empréstimos e Arrendamentos», como se chamou a este novo processo de troca, trouxe para a América artilharia anti-aérea e balões de barragem da Gran-Bretanha, assim como numerosos produtos e serviços de outras nações aliadas. A Austrália, por exemplo, em pagamento do material de guerra que recebe, alimenta o exército americano que se encontra no seu território, e outro dos exemplos mais característicos da Inversão dos Empréstimos e Arrendamentos foi a desmontagem completa de uma fábrica inglesa de artilharia e o seu transporte para os Estados Unidos, onde se encontra produzindo inintencionalmente canhões de tipo especial para as Nações Aliadas. Os ingleses consideram-se inteiramente compensados com a destruição que tais canhões possam infligir aos inimigos, manejados por soldados americanos e aliados.

A extensão dos fornecimentos americanos aos aliados é, geralmente, conhecida. Em dezassete meses, atingiu seis bilhões de dólares. Mas, em contrapartida, o auxílio dos aliados à América é quasi ignorado, apesar da sua enorme influência. Os Estados Unidos remetem munições, subsistências e abastecimentos industriais — tudo o que possa ser utilizado com maior eficiência contra o inimigo comum. Os aliados ajudam a equipar e abastecer as tropas americanas de além-mar, enviam canhões e ferramentas e prestam informações científicas e militares, e o mais que possam dispor e que a América esteja em situação de empregar com mais vantagem.

A maior parte das matérias primas recebidas do estrangeiro, são compradas a dinheiro. Embora pareça estranho, o facto tem uma justificação bem simples. E que há ainda numerosos artigos que os aliados são coagidos a comprar com dólares e a América tem como parte importante da sua politica impedir que a guerra destrua as finanças dos seus aliados. Os Empréstimos e Arrendamentos não incluem centenas de milhões de dólares, valôr de pequenas compras a dinheiro que os ingleses, russos e chineses têm de efectuar nos Estados Unidos

(Continua na pág. 29)

HERPETOL

PARA DOENÇAS DA PELE

UMA GOTTA DE HERPETOL e o seu desejo de coçar passou. A comichão desaparece como por encanto. A irritação é dominada, a pele é refrescada e aliviada. Os alívios começaram. Medicamento por excelência para todos os casos de eczema húmido ou seco, crostas, espinhas, as erupções ou ardência na pele.

ã venda em todas as farmácias e drogarias

Vicente Ribeiro & Carvalho
da Fonseca, Limitada

RUA DA PRATA, 237
LISBOA



DIA E NOITE...

Os inegaláveis cremes de beleza

Rainha da Hungria

velarão pela Mocidade da sua pele!

Elogios... para quê?

Basta dizer que são produtos

M. ME CAMPOS



ACADEMIA CIENTIFICA DE BELEZA
LISBOA — RIO DE JANEIRO

A GUERRA EM ÁFRICA

A ocupação pelas tropas anglo-americanas da África do Norte francesa e a adesão recente das colónias da África Ocidental à causa das Nações Unidas vieram criar uma situação nova. Além das possibilidades estratégicas que esses acontecimentos suscitaram, entre as quais é preciso referir, como de importância capital, o domínio absoluto do Mediterrâneo e o estabelecimento de uma sólida base para uma eventual tentativa de desembarque no continente europeu, há que contar com as realidades imediatas que, sob o ponto de vista económico, político e militar, começaram a produzir os seus efeitos.

Politicamente, a repercussão daquêles factos, dadas as condições particularmente felizes com que eles se verificaram, alargaram-se do continente africano a outros continentes. A confiança na vitória dos aliados robusteceu-se e foi unir-se, por tôdas as partes, a convicção de que a execução de um plano estratégico de tal envergadura representa a afirmação de uma força crescente que nada poderá deter.

Militarmente a competência e a decisão dos chefes, já documentada recentemente com a campanha do Egipto, appareceu reforçada pela preparação meticolosa da maior expedição que a história regista. Tanto os comandos como os executantes se revelaram de primeira ordem, qualquer que seja a arma ao serviço a considerar, na terra, no mar e no ar. A cooperação perfeita entre todos os elementos que tomaram parte na operação de desembarque no Norte de África e naquelas que se lhe seguiram, identicamente ao que aconteceu com a rotura da frente germano-italiana em Alamein e com o avanço fulminante do 8.º Exército de Marsa Matruh a Benghasi, deixam a perder de vista tôdas as operações de características idênticas que anteriormente foram executadas pelos inimigos da Gran-Bretanha. Mas as realidades militares que resultam dessas operações são mais vastas e importantes. As Nações Unidas concentram na África do Norte francesa uma importante força militar que não será exagerado computar em várias centenas de milhar de homens. O simples facto de uma força ser comandada pessoalmente pelo general Eisenhower, dá idéia da sua importância. Há que lhes prestar, para um êxito exacto das condições que se criaram no continente africano, os importantes reforços aéreos para ali enviados, os quais detêm já uma superioridade, em homens e material, decisiva e se preparam para alcançar o domínio completo do ar. O desembarque do 1.º Exército britânico comandado pelo general Anderson, ao qual foi confiada a tarefa mais arriesgada que consiste em dominar a resistência das potências do «Eixo» na Tunisia, basta para demonstrar como a cooperação anglo-americana se está realizando perfeitamente.

Mas, além das forças dos Estados Unidos e da Gran-Bretanha empenhadas em realizar os objectivos assinalados logo que se registou o seu desembarque, é necessário entrar em linha de conta com a possibilidade de se lhe juntarem, num prazo de tempo relativamente curto, logo que estejam concluídas as operações em curso na Libia e as operações encerradas para a Tripolitânia, os efectivos poderosos do 8.º Exército, hoje possuidores dum conhecimento perfeito da moderna tática de guerra. E ainda, factor que no decurso da batalha pode vir a representar um papel decisivo, as forças francesas numerosas e bem treinadas e equipadas. A quanto montam os efectivos que compõem essas forças? Cerca de cem mil homens em Mar-



Um flagrante documento do impetuoso avanço da Infantaria britânica na Libia

rocos e na Argélia à frente dos quais se colocou o general Giraud. A competência deste chefe é indiscutível colaborando em estreito entendimento com as tropas expedicionárias inglesas e americanas. A adesão da África Ocidental francesa veio juntar a estes números, já de si impressionantes, mais cem mil homens, segundo uma informação oficial revelada em Argel, dos quais metade se encontra em Dakar. São das melhores tropas, aptas a fazerem a guerra em qualquer parte do mundo. As forças navais que foram impedidas de desempenhar qualquer papel contra as Nações Unidas também são importantes, incluindo dois navios de linha, embora avariados, o «Richelieu» e o «Jean Bart», alguns cruzadores, contratorpedeiros e submarinos. Sob o ponto de vista da actividade aérea, há que mencionar ainda algumas centenas de aviões, pelo menos quatrocentos, que estavam incorporados no exército francês do norte de África.

MÁQUINA DE ESCREVER NÃO ERA
CONHECIDA ATÉ QUE EM 1873

REMINGTON

CONSTRUIU A PRIMEIRA

Máquinas {
Comerciais
Portáteis
Somar
Contabilidade

OFICINAS DE REPARAÇÃO COM PESSOAL ESPECIALIZADO

Ficheiros **KARDEX** e Arquivos



LISBOA

PORTO

R. da Misericórdia, 20-1.º
Telefones: 2 1802 - 2 1803

R. Sá da Bandeira, 69-2.º
Telefone: 1 276

ENCADERNAÇÕES

PARA O SEGUNDO ANO

DO

MUNDO GRAFICO

PEDIDOS A

Paulino Ferreira

R. Nova da Trindade, 18-A e 18-B

TELEFONE 2 2074



aqui AMERICA

Emissões dos ESTADOS UNIDOS

EM LINGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

Horas	Estações	Dias	Ondas curtas
7,15	WDJ	Todos os dias.....	39,7 m. (7,565 mc/s)
7,15	WRCA	Terça-feira a Domingo...	31,02 m. (9,67 mc/s)
7,15	WNBI	Só Segunda-feira	25,23 m. (11,89 mc/s)
8,30	WRCA	Terça-feira a Sábado.....	31,02 m. (9,67 mc/s)
8,30	WNBI	Só Segunda-feira	25,23 m. (11,89 mc/s)
18,30	WDO	Todos os dias.....	20,7 m. (14,47 mc/s)
19,30	WRCA	Todos os dias.....	19,8 m. (15,15 mc/s)
19,45	WGEA	Segunda-feira a Sábado..	19,56 m. (15,33 mc/s)
21,30	WGEA	Todos os dias.....	19,56 m. (15,33 mc/s)
21,30	WDO	Todos os dias.....	20,7 m. (14,47 mc/s)

OIÇA a VOZ da
AMÉRICA em MARCHA

REFLEXOS DO MUNDO

O livro do destino



Quando em Junho passado as forças inglesas se fixaram no

Egipto, o último aparelho a levantar vô de um aerodromo da Líbia era pilotado por um major-aviador.

Esse avião, pilotando agora o mesmo aparelho, foi, na actual campanha, o primeiro a aterrar no campo donde tinha partido quando as forças aéreas anglo-americanas entraram vitoriosas na Líbia.

O caso não deixa de ser curioso. Dir-se-ia que o triunfo inglês estava já escrito no livro do destino.

Navios em dois dias



Já aqui notamos a velocidade extraordinária da construção naval americana. O record do lançamento dos navios foi primeiro de 25 dias, após o assentamento da quilha; depois passou a dez, mais tarde a quatro e agora fixou-se em dois dias e quatro horas. Dois dias e quatro horas para construir um navio de 10 mil toneladas!... Parece inacreditável, mas é

assim mesmo. Por outras palavras, é ritmo americano. Este record extraordinário foi obtido nos famosos estaleiros de Harry Kaiser, na costa do Pacífico, e só é possível quando se tem grande potencial industrial como os Estados Unidos.

A América tem respondido à letra a todos aqueles que não acreditavam que a sua capacidade de produção fosse capaz de vencer a das nações do eixo. O seu poder gigantesco é decisivo nesta luta.

Os heróis de África



O tenente-coronel Victor Buller Turner, da Infantaria, acaba de ser condecorado com a «Victoria Cross». Esta alta distinção foi-lhe conferido pelo seu heroísmo e desprezo completo da vida, ao conduzir um batalhão contra as forças blindadas alemãs na campanha da Cirenaica.

Apesar de isolado, sem qualquer apoio, e não podendo, portanto, receber reforços nem munições, o batalhão de Turner repeliu os ataques de noventa tanks inimigos que avançavam em sucessivas vagas.

O batalhão destruiu mais de

trinta carros e inutilizou, pelo menos, vinte. O comandante combateu como um simples soldado, chegando a transportar uma peça ligeira para uma posição, peça essa que inutilizou cinco tanks.

Os filhos de Roosevelt e Churchill



As famílias dos dirigentes são as primeiras a contribuir para o gigantesco esforço de guerra das Nações Unidas.

Tanto a família do Primeiro Ministro Britânico como a do Presidente Roosevelt têm dado

ao seu país os mais altos exemplos de abnegação.

Ambas se encontram representadas no norte de África. Winston Churchill tem ali o seu filho, o capitão Randolph Churchill, que opera com os «Comandos» e o Presidente Roosevelt seu filho, o tenente-coronel Elliott Roosevelt, junto do general Eisenhower. Mais um elo que une a Inglaterra aos Estados — elo indestrutível da vitória.

A AGONIA DE UM SUBMARINO ALEMÃO

Um contra-torpedeiro da escolta de um poderoso comboio inglês afunda a tiros de canhão um submersível do Reich

Epopéia naval

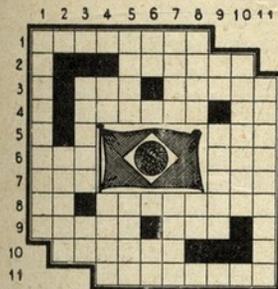


O cruzador ligeiro americano «Boise» poderia ficar num pedestal, como monumento à força, ao heroísmo e decisão dos marinheiros dos Estados Unidos. Enfrentou dois cruzadores pesados, um cruzador ligeiro e três contra-torpedeiros nipónicos.

Um só navio que se bate contra uma esquadra, e vence! Avariado pela artilharia inimiga, assolado pelas chamas e inundado pelas ondas, o «Boise» praticou feitos gloriosos, dignos de epopeia. O «Boise» havia recebido ordem de impedir os japoneses de atingirem Guadalcanar.

Em quatro minutos foi para o fundo um cruzador japonês. Pouco depois afundavam-se dois contra-torpedeiros do mesmo país. Mais dois cruzadores nipões explodiam e afundavam-se. Finalmente, desaparecia no mar um terceiro «destroyer» japonês.

O «Boise» foi dado como desaparecido no meio do fragor da batalha, mas surgiu mel ferido e coberto de glória por entre o fumo.



PROBLEMA N.º 52

HORIZONTAIS

- 1 — Relativa a factos históricos deturpados pela tradição.
- 2 — PRESIDENTE DA REPÚBLICA BRASILEIRA.
- 3 — Moeda de prata da Índia inglesa, correspondente à 16.^a parte da rupia; Não acertas.
- 4 — Habitante da Malásia; Alem.
- 5 — Artuei.
- 6 — Nome de mulher; Casa de habitação.

- 7 — Descobertos; Nome de uma cordilheira de montanhas na Ilha de Creta (inv.).
- 8 — Pronome pessoal (inglês); Espécie de cegonha do Brasil.
- 9 — Hastes flexíveis com que se despedem setas; Interjeição.
- 10 — MINISTRO DOS ESTRANGEIROS DO BRASIL.
- 11 — Invioláveis.

VERTICAIS

- 1 — Nome do hidro-avião em que Gago Coutinho e Sacadura Cabral alcançaram o Rio de Janeiro, realizando assim a primeira travessia aérea do Atlântico empregando a ciência náutica.
- 2 — MINISTRO DA GUERRA BRASILEIRO.
- 3 — Ficas de mau humor; Simbolo do «romo» (quim.).
- 4 — Nada; Horas do officio divino.
- 5 — Garantida dada por um terceiro ao pagamento de uma letra; Peça de madeira destinada a suportar o pau de fileira e os barrotes de um telhado.

- 6 — Nome que os egípcios dão ao Sol — Simbolo do «mercúrio» (quim.).
- 7 — Compareceri; Dar.
- 8 — Azêdo; O mais.
- 9 — Parecença; Açacha.
- 10 — MINISTRO DA AERONÁUTICA DA PÁTRIA-IRMÃ.
- 11 — Partiríamos.



Solução do problema n.º 51



GENERAL ANDERSON *

O Comandante do 1.º Exército britânico em operações no Norte de África é o general Anderson. O seu nome vem juntar-se aos da pleiade brilhantíssima de chefes militares que a Gran-Bretanha está revelando e que inclui, entre outros, os nomes ilustres de Wavell e de Lord Gort, de Alexander e de Montgomery, de Portal, de Tedder, de Cunningham e de Harwood. O general Anderson encontrava-se, desde o mês de Abril findo, comandando superiormente as tropas na região leste da Ilha Britânica. Grande amigo do general Alexander, que acaba de se ilustrar com a realização brilhantíssima da campanha do Egipto, a carreira de ambos tem muitos pontos de semelhança. Anderson tem actualmente cinquenta anos. Serviu durante a grande guerra revelando-se nessa altura um militar valente e calmo. Em França, combateu ao lado de Alexander. Depois disso esteve na Palestina onde se consagrou rapidamente como um perito de guerra no deserto. Regressou à Gran-Bretanha onde lhe foram confiados comandos de importância e, quando estalou o conflito actual, foi encarregado de colaborar na organização da defesa da Ilha. A sua tarefa passou a revestir-se de uma importância capital depois da derrota da França e da epopeia de Dunquerque. No comando de forças importantes do Exército e na direcção da Home Guard prestou serviços inestimáveis.

O general Anderson é justamente considerado o técnico mais competente em assuntos de invasão e contra-invasão, de embarque e de desembarque de grandes contingentes de tropas. Foi esse título que, certamente, contribuiu para a escolha do seu nome a fim de comandar o 1.º Exército encarregado de cooperar intensamente com as forças norte-americanas na ocupação do Norte de África.

CRÓNICA INTERNACIONAL

A VITÓRIA DAS NAÇÕES UNIDAS

NÃO há nenhum país, não há nenhum homem no mundo, sejam quais forem as suas tendências e sejam quais forem as suas simpatias, que não aprecie no seu verdadeiro valor e no seu inultrível significado o desembarque que as tropas anglo-americanas realizaram, em 8 de Novembro, na África do Norte. Sob o ponto de vista militar, a organização e a realização desse empreendimento devem considerar-se verdadeiramente modelares. Sob o ponto de vista político, as suas repercussões imediatas são valiosas e incalculáveis as suas repercussões distantes. A batalha travada no continente africano assumiu tais proporções que não será exagerado afirmar que do seu desfecho pode depender a sorte da guerra.

Nenhuma voz mais autorizada do que a de Virgínio Gayda para exprimir esta opinião. "O Mediterrâneo, escreveu ele recentemente no "Giornale d'Italia", é o trampolim de onde vai ser desencadeado o ataque contra a Europa e contra a Ásia. Os próprios Estados Unidos, a-pesar-de terem no Pacífico os seus mais valiosos interesses, concentraram no Mediterrâneo tôdas as suas forças disponíveis..

A interpretação dada pelo conhecido articulista italiano aos planos estratégicos dos aliados afigura-se-nos também digna de menção. "Que pensam fazer os aliados?", pergunta êle. E apresenta para esta pergunta a seguinte resposta: "Os aliados pensam atacar separadamente cada uma das potências signatárias do pacto tripartido, a Itália, a Alemanha, o Japão, batendo-as separadamente e concentrando sucessivamente contra cada uma delas, todo o seu potencial de guerra..

Seja assim, seja de maneira diferente, o facto é que as palavras do jornalista italiano, excelente termómetro para medir as reacções dos dirigentes do seu país, acusam uma temperatura alta de receio e de ansiedade. Até há pouco, diziam os estrategistas, o "eixo", disrutava, nos campos de batalha, das linhas interiores. O que vemos, porém, nós, agora?

Que essas linhas deixaram de existir, visto combater-se na periferia do continente europeu. É de tal maneira extenso êsse círculo, que de modo algum êle pode oferecer uma resistência contínua. No seu alongamento reside a sua fraqueza, oferecendo, portanto, pontos fáceis de ruptura e de ataque. Dois grandes teatros de guerra, duma vastidão enorme, a Rússia e o Mediterrâneo, obrigam a Alemanha e a Itália a disseminar as suas forças, de tal maneira que, reconhecidamente, a sua aviação já não chega para ambos.

O que dizer agora quando as forças anglo-americanas estabelecerem um terceiro campo de operações — a "segunda frente,"? Então chegará para as Nações Unidas a decisão vitoriosa.

O artigo, a todos os títulos curioso, de Virgínio Gayda, encerra ainda as seguintes revelações: "O plano dos aliados comporta as seguintes fases: eliminação dos italianos do Mediterrâneo; ataque em massa contra a Alemanha; ofensiva final contra o Japão, com tôdas as forças disponíveis, incluindo aquelas que, terminada a luta com a Alemanha, os russos pudessem empregar". Para Virgínio Gayda a vitória das Nações Unidas seria a consequência das derrotas militares sucessivas de Itália, depois do Reich e finalmente do Japão. Por isso êle chama a atenção dos seus compatriotas para o que se passa no Mediterrâneo para o desembarque dos anglo-americanos fez deslocar o centro de gravidade da guerra actual.

O OBSERVADOR

O poder moral

Quando se chegar ao final da guerra e, aos cronistas se sucederem os historiadores, verificar-se-á que foram ainda os grandes princípios morais que venceram a luta.

Qual o segredo da vitória inglesa, cuja resistência tendo principiado do nada, atingiu hoje uma magnitude esmagadora? O caracter do seu povo, a integridade da sua diplomacia, o respeito pela liberdade das nações e o equilíbrio da sua admirável estrutura politica.

Assolada pelas vagas, a inexpugnável rocha britânica, foi o fanal que iluminou, como uma esperança de redenção, a tragica noite da Europa. Questão de tempo, agora que as estrelas, que hoje vemos com os olhos da certeza, rasgaram as trevas!

Um milhão de homens

O grande teatro de guerra creado na Africa setentrional tem uma importância excepcional. Agora a Alemanha e a Itália estão bloqueadas pelo cerco de ferro e fogo das Nações Unidas. A leste, a Rússia; no Baltico e Mar do Norte, as esquadras e os aviões, numa linha continua; depois a costa meridional da Africa quando as tropas anglo-americanas se ligaram às do exercito commandado pelo general Alexander. Os países do eixo são o centro dêsse cerco formidável de ferro. A luta em Africa está atingindo o seu termo final. Não tarda que mais dum milhão de homens fiquem livres para o ataque à Itália, ou a qualquer outra região das costas mediterraneas.

E isto, como já dissemos, ainda não é a «segunda frente».

Os resultados do ano

Quem com exactidão e imparcialidade quizer saber os resultados da guerra este ano para a Alemanha, a Itália e o Japão, verificará que, por toda a parte, foram negativos. A R. A. F. atacou os países do eixo, provocando destruições totais, sem qualquer replica de vulto; na Rússia, Estalinegrado continua a ser um baluarte, o Caucaso não foi conquistado, bem como Moscovo e Leninegrado; Rommel foi derrotado e a Cirenaica ocupada; a Africa Francesa libertada, com uma expedição de tresentos a quatrocentos mil homens, que caminham agora ao encontro do 8.º exercito; no Pacifico, a esquadra japonesa sofre sucessivos reveses, o ultimo dos quais lhe custou vinte e sete navios de guerra; nas ilhas de Salomão e na Nova Guiné, os yankees avançam, inflingindo ao inimigo duras perdas. Virou a maré!

MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENA

Director: **ARTUR PORTELA**
Editor: **ROCHA RAMOS**

Propriedade de Mundo Gráfico, L^{da}

Redacção e Administração: Rua das Gâveas, 6-2.º / Lisboa | Telefone 2 5240

Composição e Impressão: Neogravura, Ld.ª, Travessa da Oliveira, à Estrela, 4 a 10 — Lisboa

PAGINAÇÃO DE ROMEU MARQUES CARDOSO

Preço 1\$50

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA



As águias americanas. São estes os irmãos de armas dos bravos pilotos da R. A. F., que cruzam agora os céus da Europa e da África

A GRANDEZA DA VITÓRIA BRITÂNICA

É ainda cedo para avaliar, nas suas verdadeiras proporções, toda a extensão da vitória conseguida pelas armas britânicas no Egito. Quando há quatro meses o corpo expedicionário germano-italiano do marechal Rommel se aproximava rapidamente do Egito, o mundo seguia, com uma ansiedade justificada, os movimentos das tropas imperiais britânicas comandadas então pelo general Auchinleck. Grandes coisas se passaram depois dessa data.

A primeira e a mais importante foi a afirmação categórica da capacidade de recuperação da Gran-Bretanha. Em pouco mais de cem dias, quando toda a gente julgava que a iniciativa continuaria ainda, durante longo tempo, nas mãos do Eixo, os ingleses desencadearam uma ofensiva irresistível que os fez percorrer alguns milhares de quilômetros, regressando ao ponto



Tempestade de fogo. A R. A. F. prossegue vitoriosamente a sua ofensiva, bombardeando a Alemanha e a Itália, em raids fulminantes de devastação que atingem todos os centros vitais do inimigo



Mil canhões, quinhentos tanks, setenta e cinco mil baixas, eis o primeiro balanço da vitória do 8.º Exército britânico

mais distante alcançado pelos seus ataques vitoriosos realizados anteriormente.

A Imprensa dos países neutrais, sempre atenta aos movimentos de fluxo e refluxo das tropas que se batem no norte de África, sublinhou com inteira justiça esta circunstância que domina, de longe, tôdas as considerações. Os jornais suíços e suecos, mas especialmente os jornais turcos, puzeram em relêvo essa capacidade de recuperação considerando-a como a mais extraordinária afirmação da

unidade dum império e da vitalidade dum grande povo.

A ofensiva do general Montgomery, iniciada em 24 de Outubro, manteve-se insistentemente ao longo de doze dias em que o sector norte do dispositivo do inimigo foi implacavelmente martelado por tôdas as armas em perfeita cooperação. Os carros e a aviação, a artilharia e a infantaria, os especializados e os serviços de abastecimento funcionaram em tão estreita e íntima cooperação que dificilmente se terá

(Continua na pág. 29)



Entre as levas de prisioneiros do Eixo que passam aos milhares para a rearguarda, muitos deles foram encontrados vagando no deserto. Este, porém, foi capturado num ponto de resistência gravemente ferido



A grande vitória de Montgomery. Noite no campo de batalha, após a derrota do Eixo. Cruzes, veículos e tanks destruídos



O exército de Rommel desfez-se nas areias do deserto. Tôda a Cirenaica foi conquistada pelo 8.º Exército na sua ofensiva de ferro. Os prisioneiros marcham para a rearguarda



O gigantesco desembarque das forças anglo-americanas na África Setentrional. Trata-se da maior operação deste genero realizada na história do mundo. 850 navios, milhares de homens e quantidades extraordinárias de material de guerra. Um curioso instantâneo das tropas britânicas seguindo para terra

Uma taça de
Champagne



Serei assim?



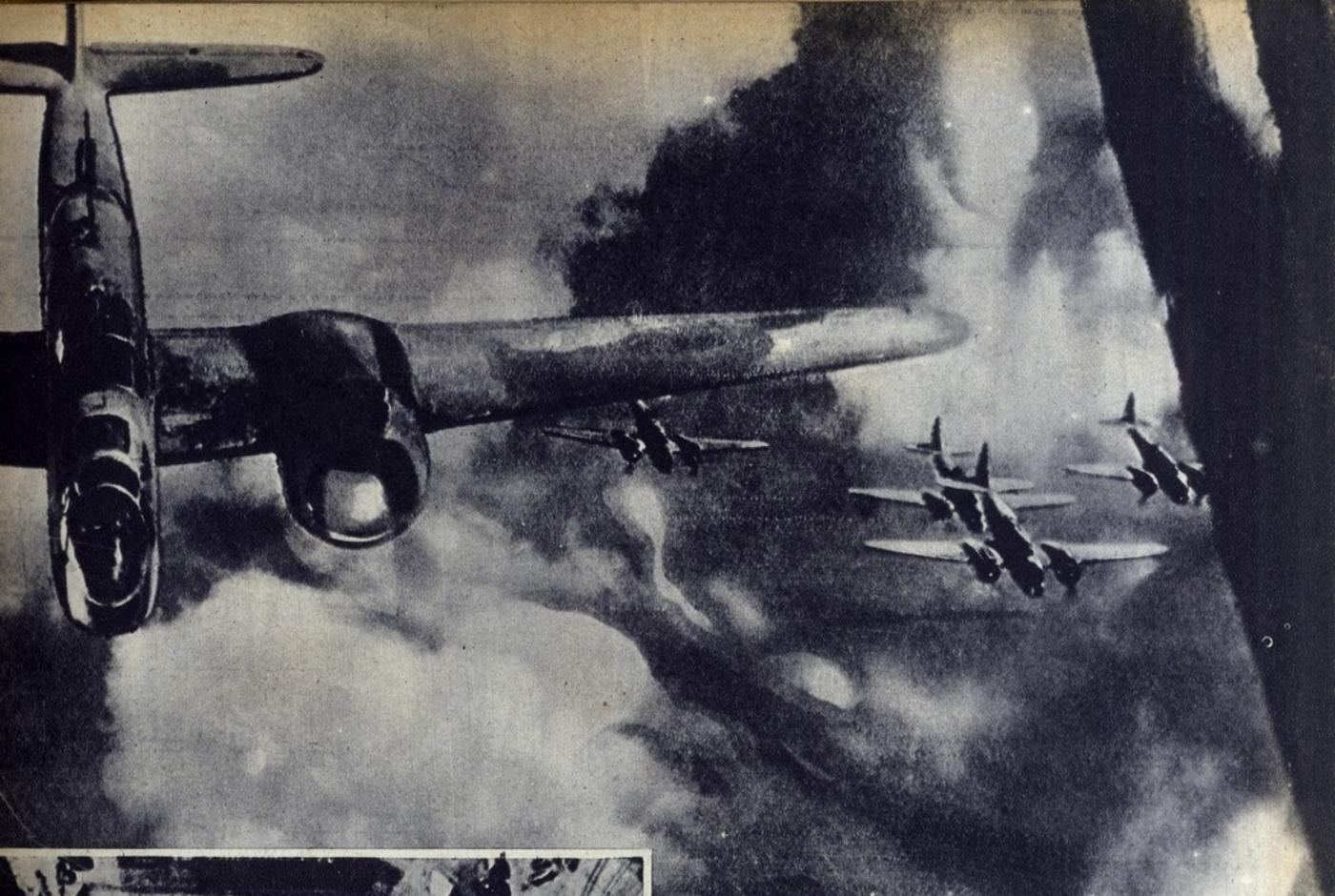
Não, assim



Três pernas!

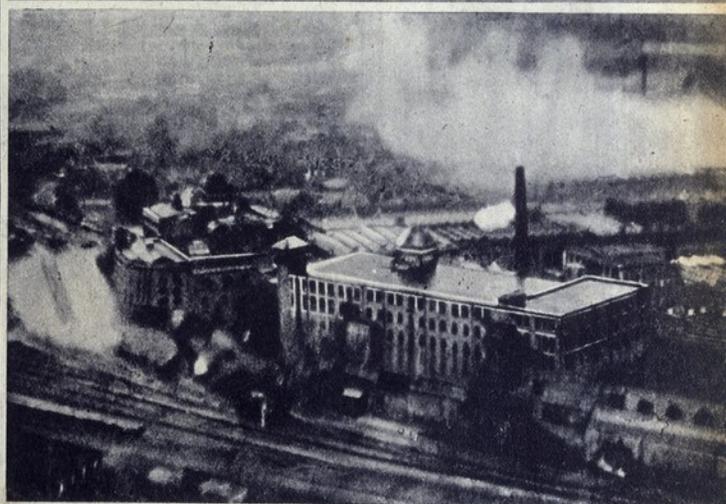


Mais outra!



As asas potentes e devastadoras da R. A. F. cobrem todos os campos de batalha em todos os continentes, numa ofensiva que é um verdadeiro ciclone de fogo. Bombardeiros ingleses perseguindo as tropas derrotadas de Rommel

AS BOMBAS DA R.A.F.



Em cima :

Os bombardeiros mosquitos em acção. A baixa altura, eles deixam cair as suas bombas sobre uma fábrica de motores "Diesel", em Hengelo

À esquerda :

Genova, Turim, Milão estão sentindo o peso esmagador da aviação inglesa. Por cada minuto, uma bomba de dois mil quilos. Eis uma vista de Genova após os primeiros raids. Depois disso, realizaram-se mais ataques e a cidade parece ter sofrido um verdadeiro terremoto



De Gaulle, o valoroso chefe da França Combatente, condecorando uma das voluntarias francesas em Londres

VIVEMOS numa época em que tudo nos deve parecer vulgar.

Já um notável humorista português afirmava que há muitos milhares de anos existia a assombrosa manifestação de ciência moderna: — a telefonia sem fios. E elucidava que em qualquer ponto distante de um país oriental, tinham aparecido uns aparelhos pelos quais os indivíduos se compreendiam entre si sem, no entanto, precisar de fios... Por isso, concluía, humoristicamente, que naquela época longínqua, já era, como hoje, vulgar a telegrafia... sem fios.

Vem talvez a propósito da acima consideração preliminar, a circunstância de há pouco termos assistido à demonstração, numa revista teatral a cuja orientação artística preside o espírito de António de Macedo.

Trata-se, nem mais nem menos, de uma «moldura» em que aparecem algumas figuras graciosas de actrizes vestidas... — nem a leitora suporá de quê! — de jornais. Surpreende-se?... Pois é assim...

A senhora admira-se de que a moda dos vestidos femininos seja a de fatos de papel... no teatro?

Pois não tem de quê.

Possivelmente, a gentil leitora que nos lê, esquece-se de que constitui galantaria o chamarem-lhe «corações de ouro», e não se lembra, talvez, de que usa meias de vidro!



Se o termo não fôsse irritantemente «barbaro», chamariamos a este original e gentilissimo friso figuras jornalizadas

Vestidos de papel



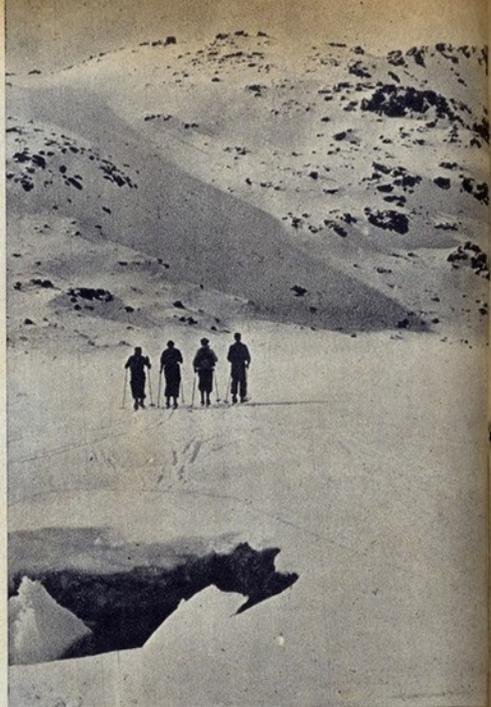
Neste século vertiginoso, tudo nos deve parecer natural. Se já há muitos anos existiam «corações de ouro», porque não havemos de admirar «toilettes» de papel... impresso?



Se a moda pegasse, apesar do custo elevado do papel, os vestidos femininos, sem deixar de ser graciosos, eram com certeza mais económicos.



Os esquiadores encaminham-se para a pista natural criada pela neve num planalto da serra



Na planície embranquecida, os exercícos salutareos e o ambiente frio, dão aos amadores dos desportos de inverno um desejo alegre de vida

das gastas pelo uso do tempo, não deixam, porém, de nos parecer sempre novas.

Passando em revista tantíssimos factos, sentimentos, aparências e interpretação, terminamos por reconhecer que, também, velho é o mundo; e que, há ainda quem nele procure e encontre novidade; e que não menos idoso é o amor e, todavia, os humanos não deixam de nele pôr o enlévo fascinante das coisas inexplicáveis...

Assim sucede com a neve.

Quem pela primeira vez a contemplou em sua alvinitência que torna iguais os montes cobertos pela pureza nivea e immaculada do seu manto... — como é costume consagrado di-

SERRA NEVADA

TEMA velho, cansado, para uma crónica — a neve. Todavia, há coisas que por mais repetido que seja o encanto que as envolve, ou o mistério que em si guardam, possuem o segredo de rejuvenescimento e de eternidade.

Não estão neste caso a neve e a sua fascinação, e, até para alguns, a sua branca monotonia?

E' de aceitar qualquer modo interpretativo sobre a interrogação. Pois tudo depende da sensibilidade do homem; da maneira como os seres apreendem e sentem os aspectos superficiais ou profundos das coisas. Se assim não fôsse nada justificaria o reputado entendimento de que a Natureza é vista através do temperamento.

Mas, por que o assunto da neve é tema obrigatório, sempre que o inverno se aproxima, o facto, nem por isso, é banal — e muito menos está envelhecido.

Há coisas que apesar de serem considera-



Num alto da Serra da Estréla, um esquiador contempla a grandeza do horizonte onde as linhas que demarcam céu e terra, quasi se confundem



Uma paisagem do sonho, que lembra o ambiente onde vivem as personagens infantis de Walt Disney



A neve é caprichosamente cenográfica. Empregando nas suas «composições» apenas o branco, realiza quadros deslumbrantes

zer-se da harmonia inalterável da sua brancura, não mais deixa de guardar lembrança de tão simples visão de candidez. E, então, se a pessoa é dada a tonterias de poeta, se tem por mau sestro ler o que escrevem os vislumbradores de fantasias, logo será presa do desejo de versejar. E daí a perpretar um poema embranquecido, em que comparará, de-certo a paisagem niveal à imagem eleita, val um passo miniatuural.

Claro que estas divagações devem, porventura, estar um tudo nada fora de moda.

A neve hoje, — quem sabe? — não serve apenas para devanços poéticos e símiles inerentes a sentimentalismos.

Nos tempos decorrentes, a neve não é pos-

(Continua na página 25)



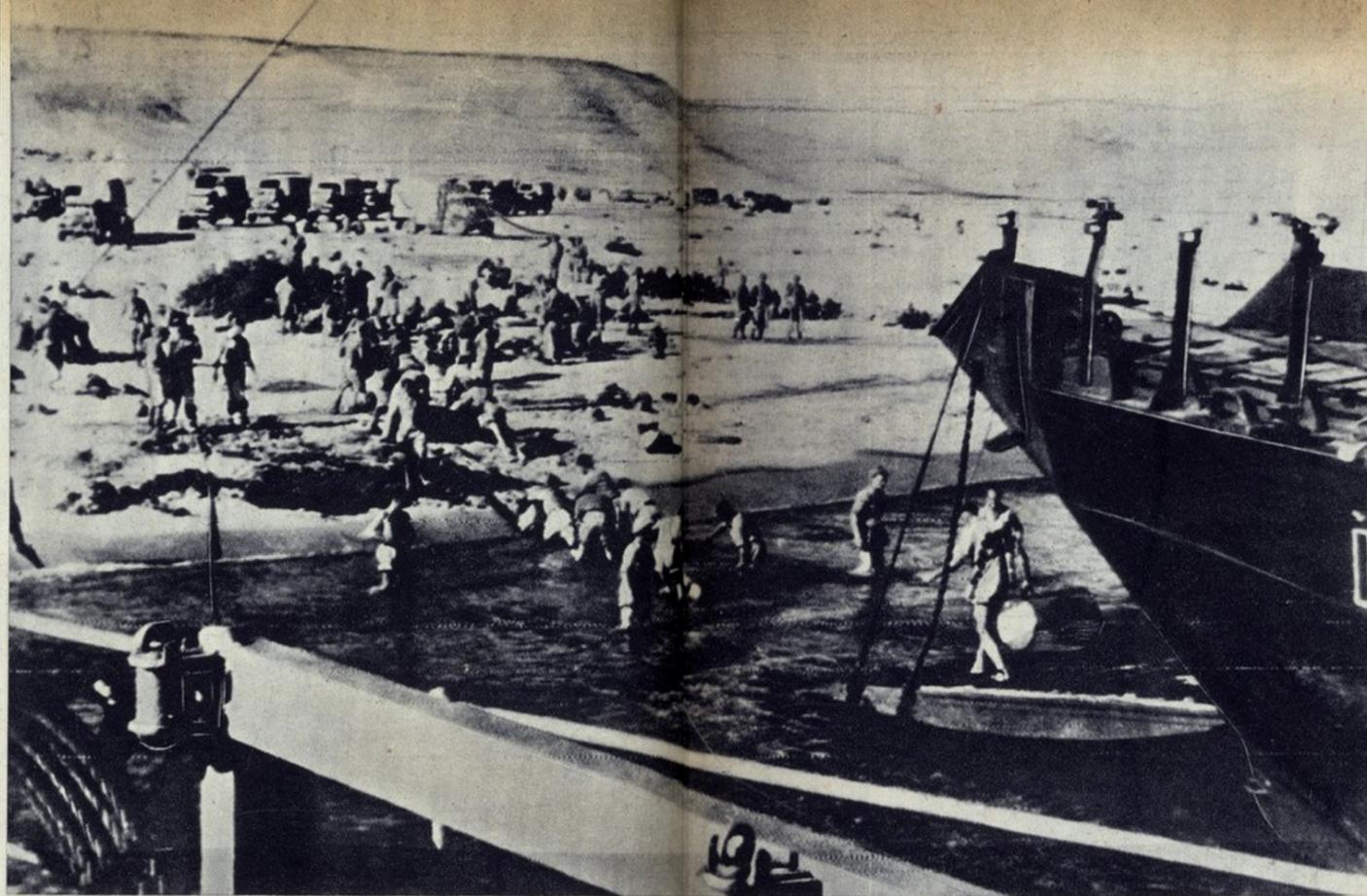
Por detrás de um bloco monstruoso há uma planície intermínua para onde os desportistas se encaminham alegremente



As tropas americanas entram em Oran, onde foram recebidos com calorosas manifestações de alegria pela população



Enquanto o maior combóio naval de todos os tempos para junto da costa, centenas de barcaças deste género, com as forças anglo-americanas, dirigem-se para terra, ocupando matematicamente os pontos previstos



A descarga de material pesado. As forças das Nações Unidas combinaram maravilhosamente esta operação, que lhes deu o domínio incontestável do Mediterrâneo e a testa de ponte para o ataque à Itália

O GRANDE DESEMBARQUE



"Rangers" americanos e "comandos" britânicos na cidade de Argel. A sua alegria e a seu poder combativo demonstram bem a quem pertence a vitória



Em Argel. A bandeira americana de uma das colunas de ocupação é um símbolo da libertação da Africa do Norte



O desembarque de material foi rápido e fez-se assim. Americanos e ingleses, sob o comando de Eisenhower, dirigem-se aos aerodromos, que são rapidamente tomados



As forças americanas. Soldados jovens, admiravelmente treinados, em cujas mangas do dolman refulge a gloriosa bandeira das estrélas



Os tanks tomam rapidamente contacto com a terra. O melhor material americano e um grande exército que rapidamente ocupou a Africa do Norte

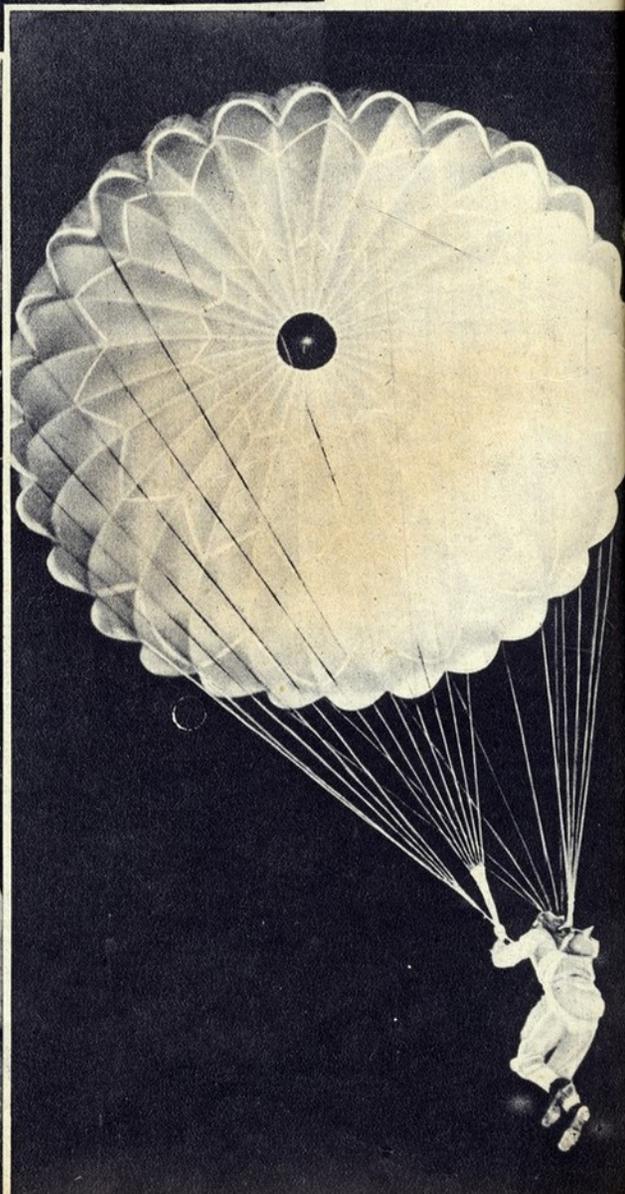


Nesta barcaça, à vista de Argel, vão americanos, ingleses e franceses, numa admirável fraternidade de armas. Os três exércitos combatem agora juntos na Tunisia



VOANDO PARA A VITÓRIA

O Exército paraquedista inglês está já operando no Norte de Africa, em acções decisivas que surpreendem o inimigo pela sua audácia, temeridade e heroísmo. Grandes aviões transportam-nos rapidamente e foram eles que conquistaram a maioria dos aerodromos da Argelia, de Marrocos e da Tunisia. Lançam-se no espaço e as umbelas brancas abrem-se cortando o abismo até poisarem no solo, onde rapidamente eles se apoderam dos centros nevralgicos dos teatros de guerra



A BANDEIRA DA VITÓRIA

É HASTEADA
NA CIDADE
DE TOBRUK





A aula de costura da Escola António Arrolo, tem destes rostos graciosos. São as abelhas diligentes do dedal e da agulha

MILHARES de estudantes frequentam hoje as escolas industriais, espalhadas pelo País. Só em Lisboa, a Afonso Domingos, a Machado de Castro, a Fonseca Benevides, a Marquês de Pombal e a António Arroio têm uma população escolar de cerca de 7.500 alunos de ambos os sexos. O ensino industrial visa, principalmente, o aperfeiçoamento das artes e ofícios e, também, revelar a tendência artística de muitos jovens. Das suas oficinas saem, todos os anos, frezadores, serralheiros, electricistas, mecânicos que, a par dos conhecimentos profissionais, aprenderam, nas aulas, elementos de cultura geral, como a física, a matemática o desenho. A escola industrial não se limita, a apresentar o artifice, que, saído com o curso, vai entrar na vida prática.

A sua finalidade é, além de dar um operário disciplinado e conhecedor, arranjar para a indústria elementos de progresso. O desenho é a base de quasi todo e ensino — exceptuando, claro ode auxiliares de laboratório, onde se dispensa aquela disciplina. Há desenho geométrico, de máquinas, ornamental, e de construção civil. E' tal a vocação de certos

PEQUENOS ARTISTAS



O curso de desenho ornamental, onde há discípulos que são verdadeiros artistas



Na hora do recreio, também se estuda. Três lindas cabeças sâbre o mesmo livro de história

alunos que dali transitam para a Escola de Belas Artes, por conselho dos mestres. A escola «Antônio Arroio», de arte aplicada, por exemplo, tem dado já numerosos diplomados, com faculdades artísticas apreciáveis. Ali se ensina litografia, desenho ornamental, labores, pintura, e as rendas mais delicadas que mãos de mulher podem fazer. Tôdas as professoras de ensino técnico profissional, de labores, freqüentam aquela escola. E', no dizer dum ilustre professor, a Universidade das rendas e dos bordados. Os rapazes vão tomando conhecimento, numa preparação pré-artística, com a paleta, com o cinzel, com o barro.

Na exposição anual, que aquela escola realiza, sempre muito concorrida, aparecem trabalhos que são verdadeiras maravilhas. Em pintura de tecidos, em bordados, em rendas, as alunas provam exuberantemente o grau de aperfeiçoamento a que conseguiram chegar, honrando assim a escola que as ensinou.

Socialmente, o papel da escola industrial, é preponderante. Hoje o artífice não pode ser um elemento rude, que só entende do seu ofício. E' necessário que os seus conhecimen-



Mestre Costa Mota, sobrinho, na aula de modelação. Um capitel de curioso relêvo

tos sejam mais amplos. Para isso lá está o ensino técnico profissional fornecendo-lhe a cultura indispensável que a aprendizagem da oficina, por si só, não lhe pode dar.

Nas aulas práticas familiarizam-se com os instrumentos de trabalho e os segredos do ofício. Tornam-se operários completos. Nas teóricas, adquirem os conhecimentos técnicos de ordem geral que lhes facilitam e sobretudo racionaliza-

zam o desempenho da profissão. Não basta saber fazer. E' necessário saber porque se faz desta ou daquela maneira. A prática mecaniza o trabalho; a teoria racionaliza-o.

E' por isso, também, que de ano para ano, a freqüência nestas escolas aumenta consideravelmente, sendo insuficiente o número das que existem em Lisboa que deixam sem matrícula centenas de novos alunos.



A litografia também é uma arte. Eis um dos alunos mais aplicados do curso



Cerâmica artística. Os objectos são primeiramente modelados e depois coloridos conforme a fantasia dos alunos



O Simão do Jardim Zoológico faz a fortuna de um artista de circo. Sabe fazer tudo, como vão ver



Senta-se numa cadeira, gosando o sol, como um milionário na esplanada do Tamariz



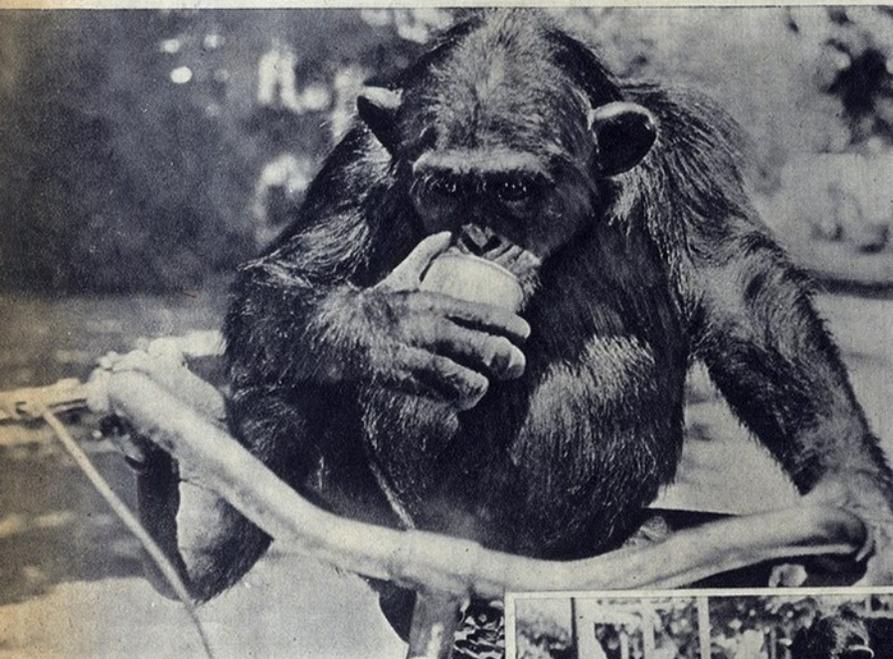
Anda de bicicleta e pode bater todos os records». E' muito possível que um dia dê a volta a Portugal

último, depois de ter ouvido o cântico das aves exóticas, que lhe faz lembrar a selva africana, dirige-se ao jardim das crianças, o seu recanto favorito.

Alli brinca, num regresso, que não deixa de ser sentimental, à infância longínqua, com multíssimo mais juízo que um menino traquinas que fugiu à mamã no rasto duma borboleta.

Senta-se numa cadeira de lona, como qualquer pessoa, em plena esplanada da Avenida, disfrutando com alegria o sol rutilante da manhã. Se aparece alguma criança, não lhe faz mal. Talvez quisesse falar, mas não sabe. Simão, porém, com toda a gentileza, faz uma zumbala estendendo a mão calosa e nodosa, num cumprimento afectuoso. Um bom charuto, uma casaca — e Simão seria tudo. Quando se sente entediado, monta a sua

(Continua na página 27)



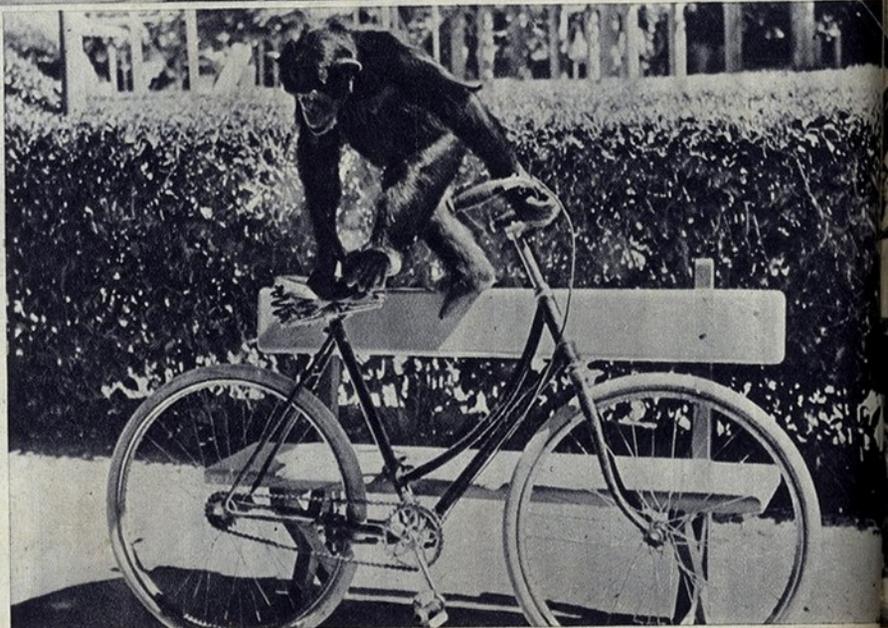
Debruçado sobre o gulador, antes de iniciá-la a corrida, toma um poderoso reconstituinte

O SIMÃO do ZOO

NEM todos os macacos se chamam Simão, mas este, nado e baptisado em Africa, não foge à regra da vulgar denominação simíesca.

Simão é um orangotango superior, de aguda percepção, que procede, exactamente, como um homem que sabe apreciar e gozar a euforia da civilização. Nestes belos dias de sol, sai da jaula-estufa e passeia nas áreas do Jardim Zoológico, verdadeiramente interessado pelos animais que all se encontram, cativos da curiosidade do público.

Julga-se então, como é natural, o dono e senhor do vasto parque. Faz um esgare à girafa, admoesta os saguins que cabriolam na aldeia dos macacos, vai até ao solar dos leões contemplar o rei do deserto que, de sonolento, talvez nem repare nele, e, por



Em toda a parte se equilibra. Eis como se senta no selim, para fazer o seu passeio à jaula dos leões



A rede nem por isso vem muito cheia. Os pescadores vão até ao Cabo Branco em demanda de mais peixe

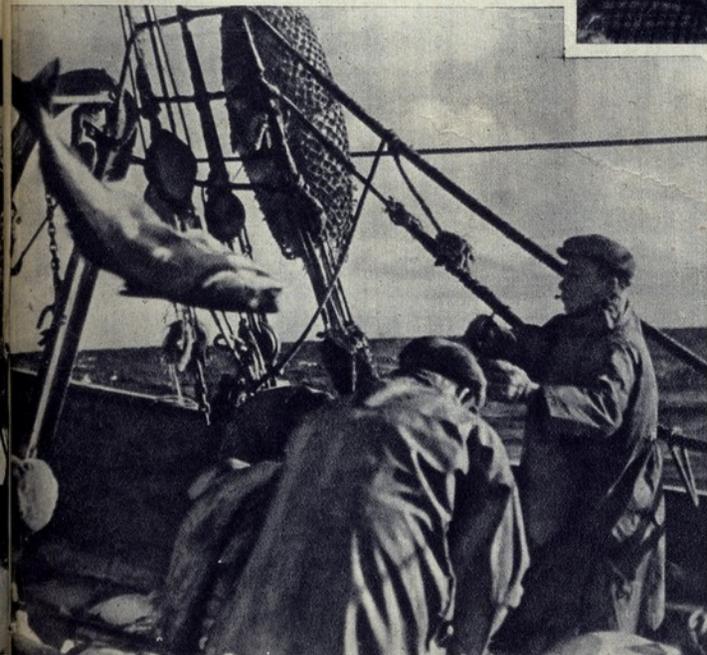
PESCA DO ALTO

TUDO se apresta para a partida do vapor que vai a longes paragens buscar o peixe que a capital consome, em enormes quantidades e que o mar é imensamente pródigo em fornecer-lhe. A companhia, arrostando com as maiores inclemências, submetida, por vezes, às mais violentas tempestades que, não raro, arranca do navio para o seio das ondas, um ou alguns desses ri-

(Continua na pág. 29)



Como se alimenta a cidade. As traineiras e os vapores do alto lutam, por vezes, com vagas alterosas na dura faina do mar



Ao içar da rede, esta pescada deu um grande salto para vir morrer no convés



O mar amainou. A tarefa agora é mais fácil. Antes da noite há que entrar a barra

O ANIVERSÁRIO DO CHEFE DO ESTADO



O sr. Presidente da República com o sr. dr. Oliveira Salazar e os membros do Governo quando lhe foram apresentar cumprimentos pelo seu aniversário natalício



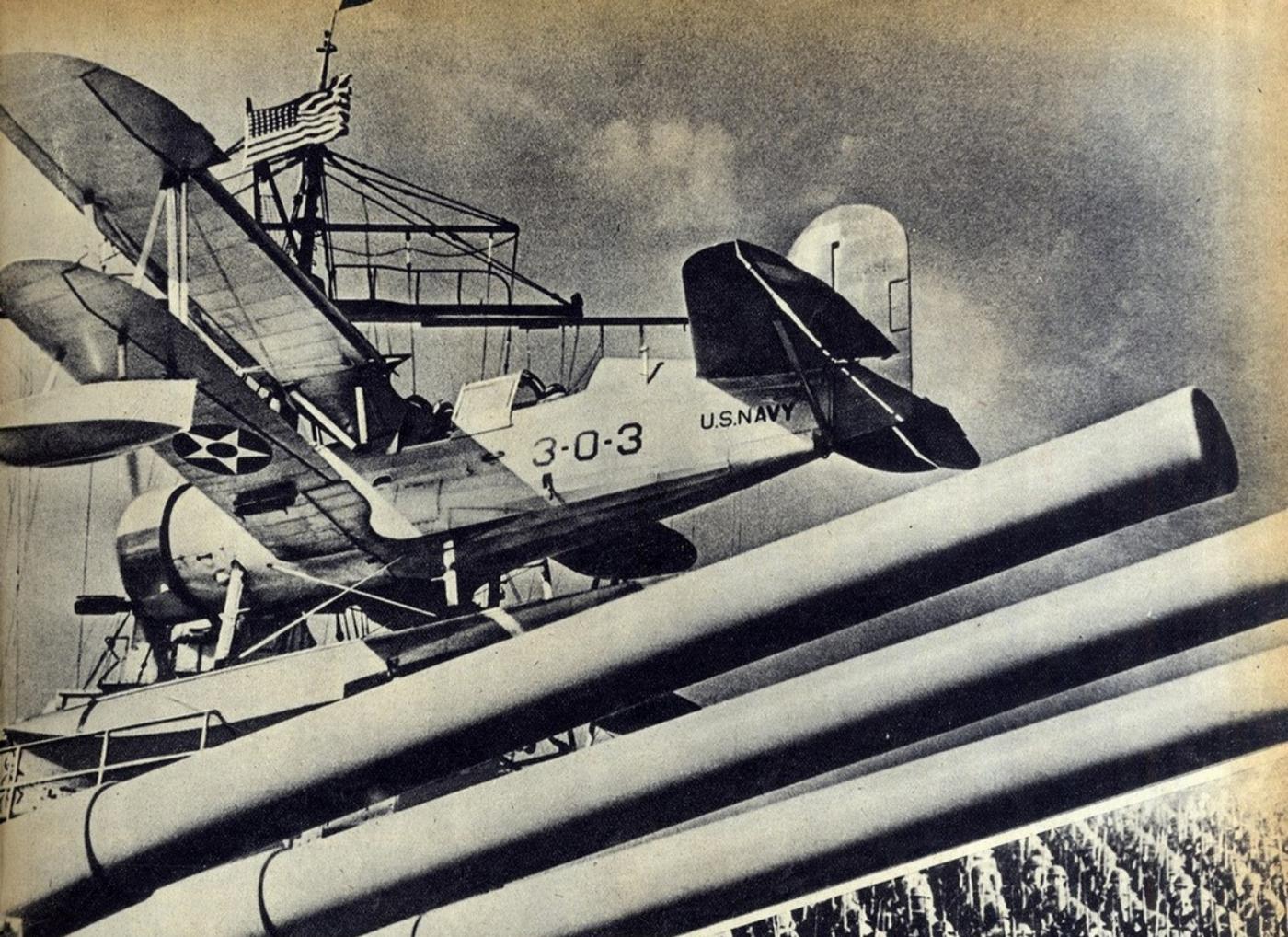
A neta do Chefe do Estado descerrando a lápida na casa onde nasceu o sr. general Carmona. A cerimónia assistiu o sr. ministro do Interior, que representava o Governo



O ilustre Chefe do Estado e sua esposa no Palácio de Belem



O sr. general Carmona e sua esposa durante as vibrantes manifestações de que foi alvo no dia do seu aniversário, com um grupo de graciosas raparigas do Minho e do Douro

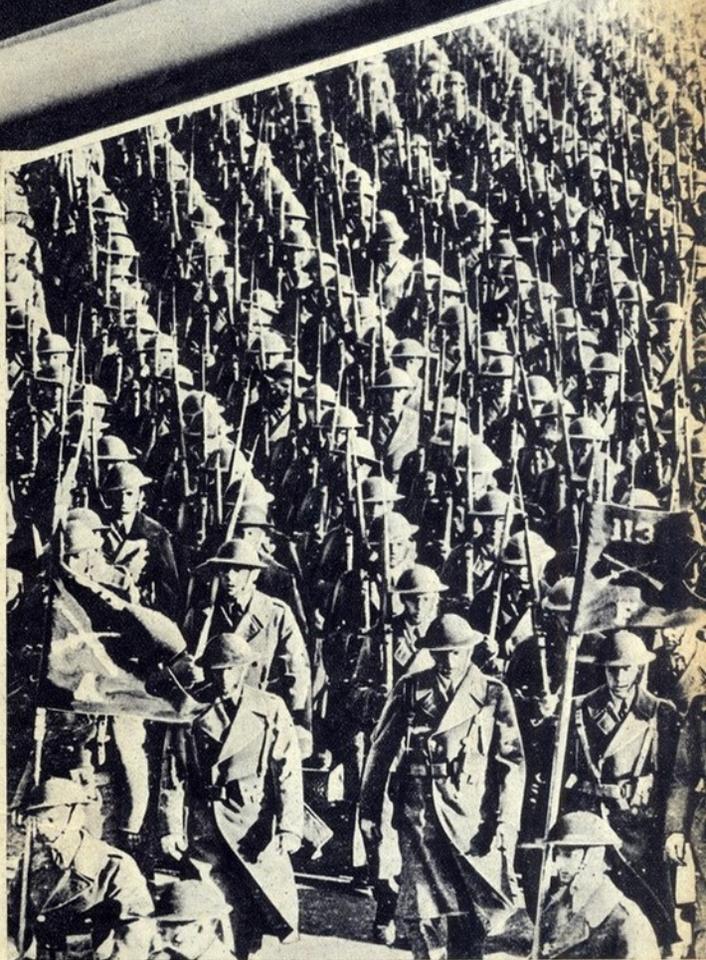


A grande vitória aero-naval dos Estados Unidos nas ilhas de Salomão foi mais uma esmagadora derrota na armada nipônica, na qual esta perdeu algumas dezenas de navios de guerra e de transporte com baixas que atingem 40.000 homens

A América na Guerra



Tropas americanas em plena acção. São os famosos "rangers", que têm a mesma organização dos "comandos" britânicos. A decisão de uns e de outros tem-se feito sentir na Tunísia

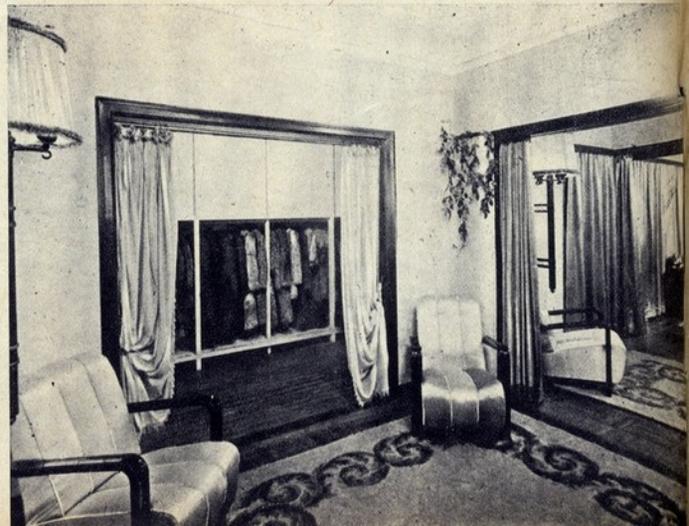
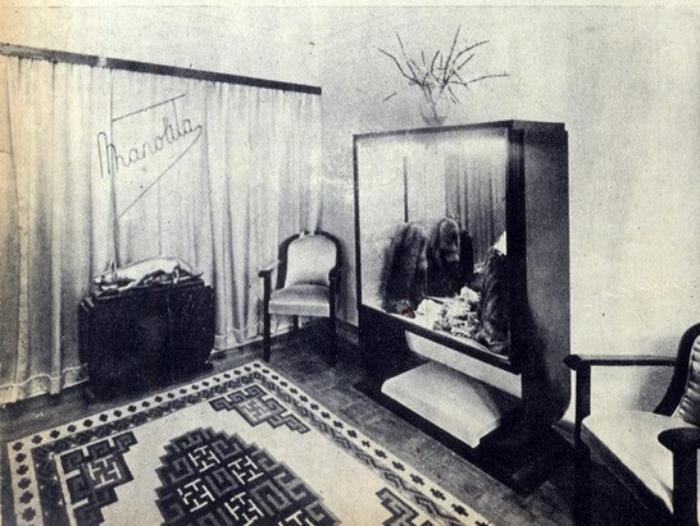


Grande e gloriosa América! As suas legiões em marcha para a libertação da Europa, ao lado das forças do Império britânico



Manolita

EIS um novo estabelecimento cuja falta se fazia sentir em Lisboa: a casa «Manolita» que se acaba de inaugurar na Rua Rodrigues Sampaio, 160, Telef. 4 0961—Lisboa, para a venda e confecção de peles, tudo executado por costureiros estrangeiros especializados, que apresenta uma lindíssima coleção de casacos em peles finas, hoje raras no nosso mercado, além dum colossal sortido em «renards» de primeira escolha.





A moda dêste Outono

AS COLEÇÕES DE INVERNO

Embora reduzidas, apareceu nelas tudo quanto se relaciona com o movimento da moda, neste inverno que lentamente se vai instalando. Vejamos o que apresentaram algumas casas criadoras:

BALENCIAGA

- Casacos de saia muito franzida. Os bolsos tem a missão de alargar mais as ancas. O corpo é muito justo. Guarnições de pele ou de veludo.
- Capas a direito, franzidas num *empiècement* que modela bem os ombros, que já não são tão marcados.
- Num *tailleur* de fazenda castanha, botões de veludo preto.
- Vestidos de noite sem alças.
- Chapeus guarnecidos com plumas de avestruz e fitas.
- Em vestidos de cerimônia,



corpo de tom escuro com saia estampada.

— Tons dominantes: preto, castanho e groselha.

PATOU

— O alto das mangas torna-se mais importante com franzidos e *drapés*.

— Túnica encantadoras: cor de banana sobre um saia-casaco castanho, cor de péssigo sobre bordeus.

— Bastante veludo e muito cetim mate e brilhante, trabalhado de ambos os lados.

— Bandas horizontais formam guarnição em tom diferente.

— Poucas peles; apenas algumas golas pequenas nos casacos e nos vestidos.

— Tons dominantes: cinzento, castanho, bordeus e preto.

MOLYNEUX

— Tecidos mais empregados: lá marroquina e *jersey* de seda.



— Linha nova: corpo cingido, cinta fina, saia colada até por cima do joelho donde começa a alargar.

— Decote em V.

— Casacos compridos com abas em forma e outros com largura nas costas.

— Muitas pintas.

— Os casacos de peles têm largura nas costas e as mangas também são amplas. Muito *astracã rasé* que é o novo nome que tem o *agneau des Indes rasé* e que hoje, pela raridade, é o mais procurado e apreciado.

Mais do que nunca cuida de si

Vive-se em plena inquietação, sofre-se com o horror que vai lá por fóra — mas, por isto mesmo e apesar de tudo, é preciso que a mulher mante-

PÁGINA FEMININA

de Aurora Jardim

nha sempre o seu papel de auxiliadora, fonte de coragem e regosijo dos olhos.

Ora vejamos algumas coisas que deve evitar:

● Com o aumento de certas despesas, não pode ir ao instituto de beleza como ia antigamente: todas as semanas.

Mas nem por isso deixe de se tratar. Todas as noites, antes de ir para a cama, lave a cara com água morna e sabonete vitaminado e, se tem a pele seca, aplique um creme de alimento. Se a tem gordurosa, deixe-a ficar sem nada. Uma vez por semana, passe o adstringente. De manhã, faça maagem com creme gordo com base de fanolina. Depois, aplique pequenas compressas

num restaurante, está com a sua mulher e passa a vida a olhar para as outras. E' triste, mas é assim!

Mas olhe que nem sempre é por donjuanismo ou espírito aventureiro — é quasi sempre por curiosidade.



Aproveite esse defeito para dêle tirar dois ensinamentos: 1.º Veja como é, como está vestida, como se apresenta a mulher que lhe chama a atenção e note qualquer pormenor que lhe possa servir. 2.º, não ligue importância; êle faz isso quasi maquinalmente, mas sem insistir e distraído-se facilmente.

Se fica de mau humor e censura e o enerva com recriminações, estraga o dia — e acaba por estragar a vida. Muitos maridos deixaram de levar as mulheres aos divertimentos, por causa disto mesmo. Mais vale sofrer junto dêle do que em casa, só.

O SIMÃO DO ZOO

(Continuação da pág. 22)

magnífica bicicleta e, então, é estupendo, um verdadeiro «az» do ciclismo! Lança-se numa corrida vertiginosa nas áreas douradas de sol, fazendo, impetuosamente, todas as viragens.

O tratador, porém, assusta-se com aqueles entusiasmos embriagantes de velocidade. Simão pode lembrar-se que é Simão, e voltar à selva numa corrida delirante que o distancia para sempre da civilização. Chama-o. Dá-lhe uma banana e êle parece desistir dêse intento, se é que alguma vez, o teve.

A tarde, quando regressa à jaula satisfeito é natural que, na sua linguagem de sons, ainda não traduzida, a esposa lhe pergunte:

— Então, que tal o passeio? E êle, como se voltasse do Chiado, encharcado de aborrecimento:

— A mesma maçada do costume!



de água fria. Deixe repousar a pele. Dai a uma hora, maquilha-se como habitualmente.

● O homem que afirma detectar que a esposa se arranje só é sincero se, na rua, ao vêr uma mulher bonita e elegante, fechar os olhos ou desviar a cara.

E como êle, com certeza, não faz isto, não acredite nessas palavras e arranje-se.

Nunca lhe apareça fóra do quarto em chinelas (bem sei que o não faz, mas isto é uma hipótese), esteja sempre com o cabelo alisado, tire êsse horível avental enorme que é da cozinheira, repare na nódoa que o roupão tem na frente, aí no peito, vê? de resto, não é nada elegante, a flanela ficou feíssima, tôda desbotada...

● Já reparou na diferença que faz quando tem batoem nos lábios ou quando ainda o não pôs?

Quantos anos a mais? E que aspecto desleixado! Se há outras senhoras perto, então nem se fala: parece doente, triste, sem viço. Depressa, uma vibrante nota de côr.

● Êle olha para outras mulheres, quando vai consigo?

Pode-se dizer que é inevitável. De resto, o português é o único homem que, num teatro,

O colecionador DE NOIVAS

NOVELA DE GUEDES DE AMORIM

No meio da pequena vila, a loja do Almeida era um centro concorrido de cavaqueira. Durante o dia, freqüentavam-na senhoras velhas e criadas de servir, que compravam pãoço para os pássaros; apareciam também lavradores de redondezas, que adquiriam sementes para as suas terras. Era muito acanhado o estabelecimento. Por isso, chegava a parecer impossível como, à noite, cabiam lá tantas pessoas. O velho juiz, o médico, o padre, alguns comerciantes e um ou outro vizinho faziam da loja uma espécie de clube. Atraía-os a todos, mais que a discussão dos acontecimentos que se davam no País ou se desenrolavam pelo mundo, a figura e as opiniões do Almeida. Apreciavam-no, lo-gravam-no mesmo, como se fôsse um espectáculo.

— Então, quem casou hoje, Almeida?

— Tira alguma fotografia? — acrescentava o médico, com toda a sua ronha.

Almeida, baixo, gordo, com uma calva muito pronunciada, com um sorriso permanente no rosto flácido, satisfazia então a curiosidade dos ouvintes. Porém, a maior parte das vezes, dizia:

— Hoje, não casou ninguém. Hoje, não tenho novidades...

FECHADO o estabelecimento, quando a maior parte dos habitantes da vila já se metia entre lençóis, Almeida abria o cofre e tirava para fora uma caixa de madeira. Quem o visse, nesses momentos, suporia que o homenzinho satisfazendo a sua avareza de solteiro, fruía gozo extravagante em contar e recontar o seu dinheiro. Porém, não era isso o que sucedia. Almeida abria a caixa e tirava lá de dentro, uma a uma, somente fotografias de todos os casamentos que, na vila, se haviam realizado nos últimos vinte anos.

Era essa a sua mania... Quando na matriz os sinos cantavam para matrimônio, Almeida fechava a loja, pegava na máquina e dirigia-se para a igreja. Caixeiros e patrões, ao vê-lo passar, apreciavam as portas, e, irônicos, perguntavam-lhe se ia para longe... «Vou tirar o retrato aos noivos», respondia, sem atar-dar o passo nem prestar crédito às gargalhadas que estoiravam nas suas costas.

Dava-lhe alegria, enorme e profunda alegria essa espontânea canseira. Os noivos dispunham sempre a posar, com prazer, para o original fotógrafo. Para mais, ele dava-lhes geralmente uma prova, em recompensa. Assim se foi criando em toda a vilória a convicção de que quem casava não tinha necessidade nenhuma de gastar dinheiro em fotografias. E o Almeida foi também organizando uma grande coleção de retratos de noivos.

UM dia, o Almeida não abriu o estabelecimento. A Leocádia, uma velha linguareira como o vento, que duas vezes por dia lhe fazia os arranjos de casa, veio dizer aos fregueses que se juntavam à porta, que o pobre estava de cama, muito mal. O juiz e alguns comerciantes, mais desejosos de conhecerem por dentro os aposentos do que em auxiliá-lo, no que mais necessitasse, quiseram visitá-lo, mas ele mandou informá-los que não precisava de nada. O próprio médico, o dr. Gouveia, julgando que a oferta dos seus serviços lhe abria a porta difícil, insistiu, também. Mas, o velho respondeu-lhe, pela



Um dia, o Almeida não abriu o estabelecimento

voz de Leocádia, que para morrer não precisava de ajuda...

Almeida morria aos poucos e poucos. Reconhecia-se sem forças, muito cansado, no seu infeliz e atormentado coração. Sem nunca se manifestar, sem nunca se dar por achado, ele conhecia muito bem o riso de escárneo com que os outros viam a sua canseira de tirar fotografias aos noivos. Depois de Leocádia lhe dar o caldinho de galinha e se dirigir a sua casa que ficava próximo, Almeida levantava-se, a tremer, com muito custo, e tirava do cofre a caixinha de madeira. Apertando-a de encontro ao peito, voltava à cama. Então, à luz do candieiro ia admirando, pela milésima vez, cada uma das fotografias com o enternecimento, de quem nunca arranjara uma companhia delicada e extremosa. Pesava-lhe a solidão, aquela tristeza mo-

ral de desenraizado, de abandonado. Sentia o que podia ter sido a sua vida, agora que se encontrava no limiar da morte. Docemente, os olhos fecharam-se-lhe para sempre.

LEOCÁDIA, ao entrar uma manhã no quarto do Almeida, encontrou-o morto, com a caixa das fotografias muito apertada a si. A bisbilhoteira, depois de lhe passar o primeiro momento de susto, arrancou-a das mãos do cadáver, supondo ir encontrar lá dentro a fortuna do defunto. Ficou, porém, desapontada, quando verificou o recheio. Fotografias!

Vio a justiça, que em virtude do morto não deixar herdeiros, lhe tomou conta de todos os haveres. As fotografias ficaram, porém, em poder da Leocádia, que assoalhou por toda a vila, cobrindo de lastimável ridículo, a memória do Almeida.

SERRA NEVADA

(Continuação da página 15)

sivelmente, tão inspiradora de imagens e confrontos como fora outrora.

Em épocas já distantes, os homens serviam-se da neve como motivo inspirador de sentimentos imaculados.

Agora, dão-lhe significado diverso: servem-se dela para patinar... Talvez pareça sem interesse a afirmação. Outro aspecto, porém, se sobrepõe àquele: o quadro de alegria e desenvoltura composto por um grupo escultórico de jovens e ligeiras «esquiadoras» deslizando como aves tentando vôo sobre o cristal da neve.

Em nossos dias, e ainda bem que assim é, as grandes altitudes e os rios gelados servem de habitual, para a prática salutar de exercícios fortalecedores do organismo.

Não pretendemos, no entanto, afirmar que a neve, neste caso, tenha perdido a expressão de encantamento que fascina as almas simples e contemplativas.

Mas podemos sugerir, sem intenção maldosa, que ela é mais útil ao desenvolvimento físico do indivíduo do que ao espírito devaneador das pessoas fantasiosas.

Há quem julgue menos belo o quadro: mas há também quem o suponha simplesmente diferente do que fôra naqueles tempos em que as raparigas das cidades crestadas de sol, ouviam falar da neve embrulhadas em fôfas roupagens — sem sequer a terem visto.

Augusto Ricardo

SEJA PRÁTICO E ECONÓMICO

Viaje na C. P.

Informações — em todas as estações da C. P.

— em Lisboa: — no Serv. do Tráfego — Telef. 24031

— no Porto: — na estação de S. Bento — Telef. 1722

O GRANDE ARSENAL (Continuação da pág. 2)

para cobrir necessidades das suas populações civis. Por outro lado, a Lei dos Empréstimos e Arrendamentos não tem efeito retroactivo e não compreende os muitos bilhões de dólares de munições que esses governos encomendaram às fábricas americanas antes que a lei entrasse em vigor.

No primeiro mês de existência, os Empréstimos e Arrendamentos totalizaram 18 milhões de dólares e em Julho de 1942 atingiram 700 milhões de dólares mensais.

Foi em Janeiro de 1942, durante a visita do Primeiro Ministro Churchill a Washington, que foi definitivamente criada a organização que havia de levar a cabo o programa integral de fornecimentos. Foram nessa altura instalados três conselhos anglo-americanos, encarregados de distribuir munições, matérias primas e navegação. Mais tarde, em Junho o sistema foi ampliado com a criação de repartições mistas de produção e subsistências.

Quem fôr hoje a Washington encontra soldados ingleses e americanos de guarda a um edifício onde se alberga uma repartição do governo, recente e pouco conhecida: — os Esta-

dos Maiores Combinados, — constituída por oficiais ingleses e americanos de altas patentes do Exército, da aviação e da armada. Os seus funcionários mantêm estreito contacto com o Presidente Roosevelt e com os altos comandos da Inglaterra, Rússia, China, Austrália, e outras Nações Unidas, recebendo relatórios pormenorizados sobre o decurso das operações nas diversas frentes de combate e comunicados dos centros industriais ingleses e americanos, com informações sobre o número de aviões, canhões, tanks e outro material, saindo das cadeias de montagem. A sua função é tomar decisões estratégicas fundamentais e encaminhar os recursos de guerra dos Estados Unidos e da Comunidade das Nações Britânicas.

Os acordos principais recentemente concluídos entre os Estados Unidos e a Gran-Bretanha, Rússia, China, Bélgica, Austrália, Nova Zelândia, Holanda e França Combatente, mostram claramente como o sistema de Empréstimos e Arrendamentos se pode converter na primeira pedra de um sistema mais livre de comércio mundial.

A VITÓRIA BRITÂNICA (Continuação da pág. 8)

alcançado alguma vez com tão elevado grau de perfeição. No final, verificou-se aquilo que geralmente era tido como impossível! a rotura da frente inimiga no ponto onde ela era considerada mais forte.

Depois foi a batalha do deserto, com todos os seus atractivos e todos os seus perigos. A partir de 4 de Novembro, iniciou-se a perseguição dos restos do corpo germano-italiano a um ritmo que revelava as reais possibilidades dos atacantes. Sucessivamente todas as localidades da guerra costeira, cujos nomes já figuram nas páginas da história desta guerra, caíram nas mãos das tropas imperiais britânicas. Decorridos poucos dias essas tropas ultrapassavam a fronteira do Egipto e penetravam no território da Líbia. Depois de Marsa Matruh, de Sidi Barrani e de Sollum, foram ocupadas Bardia, Tobruk, Gazala e Derna. A libertação do Egipto da ameaça inimiga sucedeu a ocupação da Cirenaica.

Livres o canal de Suez, e o vale do Nilo, tornado impossível o movimento conjunto imaginado pelo inimigo, o qual lhe daria a posse do Próximo Oriente, e das suas riquezas, desfeito para sempre o sonho de fazer a junção com os japoneses vindos do Oriente através da Índia, todo um grandioso plano estratégico derrubado pelo vendaval que

os carros do general Lumsden e os aviões do marechal do Ar Cunningham levantaram, subitamente, no deserto. Resultados que, bem poucos dias antes de Montgomery ter dado a ordem de atacar, pareciam absolutamente irrealizáveis.

Apenas isso? Alguma coisa mais e alguma coisa certamente da mesma ou de maior importância. O Mediterrâneo Oriental passou a ser, novamente, o domínio incontestado da Royal Navy e a ilha de Creta uma posição perigosamente ameaçada pela acção devastadora da R. A. F., a Tripolitânia colocada na iminência dum ataque que pode ser decisivo; os portos da costa, desde Alexandria a Benghazi, portos ao serviço do abastecimento dum exército cujo poder ofensivo cresce à medida que progride o seu avanço.

Estas realidades não diminuem a importância das perspectivas abertas à estratégia imperial britânica. Estas perspectivas tem de ser encaradas pelo que diz respeito ao 8.º Exército, em conjunto com as operações que se estão desenvolvendo na África francesa. Elas podem conduzir bem mais longe do que se atreveriam a ambicionar os próprios homens eminentes que há apenas num mês deram, com a consciência da força que iam pôr um movimento, a ordem de atacar por toda a parte.

A CAMPANHA DE LESTE

por CARLOS FERRÃO

DURANTE a última quinzena as operações na frente leste não sofreram qualquer modificação de relêvo. Essas operações foram intensamente prejudicadas pelas condições climáticas desfavoráveis. Mas em vários sectores, ao norte, ao centro e ao sul, os combates tiveram um carácter e uma importância que não excederam o quadro local. O ritmo da luta diminui à medida que o inverno se aproxima.

Um telegrama, de fonte neutral, dá conta da situação nos seguintes termos: «A chuva em Estalinegrado, a neve no Cáucaso, o frio e a lama em todas as estradas paralisam as operações no conjunto da frente oriental. Em Estalinegrado, a sueste de Naltchik, e a nordeste de Tuapse, os combates não passam de escaramuças em que se empenham um batalhão, quando muito um regimento. Os ataques alemães nas imediações do bairro industrial parecem ter cessado. Os soldados de Estalinegrado preocupam-se, sobretudo, com a instalação dos seus quartéis de inverno.»

Durante três meses, desde o início da ofensiva do marechal von Bock até ao desembarque dos norte-americanos em Africa, pode dizer-se que a cidade de Estalinegrado monopolizou as atenções do mundo. Quatro ataques sucessivos desencadeados com importantes concentrações de forças e com material muito importante não conduziram à ocupação total da cidade, embora alguns dos seus bairros tenham sido ocupados pelas tropas alemãs. Do último discurso do Führer é lícito concluir que, pelo menos nesta fase da luta, o objectivo final da Wehrmacht não é a posse de Estalinegrado mas o domínio da parte inferior dos cursos do Volga. A este respeito as versões dos dois beligerantes são contraditórias. Enquanto do lado alemão se afirma que o curso do rio foi atingido em vários pontos, as informações de origem soviética negam este facto.

As notícias relativas a uma ofensiva desencadeada pelas tropas russas em determinados sectores da «frente» especialmente no Cáucaso e em Estalinegrado dão às operações um significado especial. As informações de origem soviética anunciam um recuo apreciable da Wehrmacht no sector de Ordzonikidze. Esta cidade dá acesso à estrada da Georgia que conduz à Transcaucasia e aos jazigos petrolíferos de Baku. É natural que o exército alemão se esforçasse por liquidar a campanha do Cáucaso antes da chegada do inverno com os seus rigores particularmente sensíveis num local onde não foi possível estabelecer oportunamente quartéis em quantidade suficiente.

No sector de Estalinegrado os russos realizaram uma larga ofensiva que se traduziu pela ligação entre as tropas de Timochenko, e por um avanço cuja profundidade vai até cem quilómetros com milhares de prisioneiros, e a apreensão de grandes quantidades de material de guerra. Esta ofensiva, de larga envergadura, está ainda em curso.

A PESCA DO ALTO

(Continuação da pág. 23)

jos homens que consagram a vida inteira à pesca do alto, vai alegre, indiferente aos perigos que a ameaçam.

Desde o meado do século XIV que a indústria da pesca começou a organizar-se; de pais para filhos se sucedem os pescadores.

Os de Lisboa, quando se adestram na pesca do alto, pode dizer-se que andam num vai-ven continuo até o Cabo Branco, longínquas águas onde abunda o peixe.

O pescador é o verdadeiro tipo do homem do mar. E' na crueza da infundável luta com os elementos que ele sabe viver satisfeito e contente.

Envergando o seu amplo sacco de oleado e com botifarras de borracha, o pescador é, no seu vapor, naquele para

onde o contrataram, alguma coisa de grande e de imensamente pitoresco, que se não consegue descrever em meia dúzia de linhas. Chega a assumir proporções de heroicidade a sua indiferença pelo perigo de que nunca se recorda quando começa a faina trabalhosa.

Todos entristecem a bordo se a safra é diminuta.

Ala!... Larga!... ordena o capitão. E o navio singra, singra, por ali fora, com elegância e aprumo, sabe-se lá até onde nem até quando?!

Mas voltará. Ninguém de tal dúvida. Nem os que nele vão, nem as famílias.

Resplandece, então, uma indefinível alegria nos modestos lares de toda aquela gente boa, simples, cujas limitadíssimas aspirações se resumem a que nunca faltem contratos para novas largadas e que estas tenham resultados lisonjeiros, que permitam trazer o barco completamente carregado, quando na volta da faina compensadora.

S. Saboya

CINEMA

«IN WHICH WE SERVE»

Um filme sôbre a batalha de Creta

EM Londres foi apresentado, com grande êxito, um novo filme inglês intitulado «In Which we Serve» (Onde Servimos). O título é inspirado numa oração tradicional da Marinha britânica.

O filme foi produzido por Noel Coward, o célebre autor de «Cavalgada», que igualmente cooperou na realização. No seu desempenho, além de Noel Coward, que interpreta um dos principais papéis — o de comandante dum navio — tomam parte alguns distintos actores, mas nenhum deles tem papel de relêvo, visto a vedeta do filme ser — o navio: um contra-torpedeiro baptizado com o nome de «Torrin».

O filme documenta a odisseia dos tripulantes, quando o navio foi afundado na batalha de Creta, bem como vários incidentes noutros teatros de operações militares. Entre êles, figuram alguns episódios da epopeia de Dunquerque.

Entre as grandes individualidades, que assistiram à estreia do filme, contavam-se o

Primeiro Lord do Almirantado, Alexander; o chefe das operações combinadas, Lord Luiz Montbatten, o contra-almirante Sir Phillip Vian e muitos outros oficiais da marinha.

Ao espectáculo assistiram, também, o Rei da Grécia.

A primeira exibição rendeu mais de 1.000 libras, que serão aplicadas para fins de beneficência da Marinha.

CINEMA PORTUGUÊS

A «Ulissea-Filmes» adquiriu os laboratórios da firma «Filmes Castelo Lopes». Diz-se que aquela entidade vai ampliar as suas instalações e apetrechar-se no sentido de poder encarregar-se da execução de todos os trabalhos cinematográficos.

A-pesar-do mau tempo ter dificultado, em parte, os trabalhos de realização do filme «Um homem do Ribatejo», o actor Henrique Campos e a sua



A mais recente foto de Greta Garbo

equipa, que tem como operador Aquilino Mendes, continuam a desenvolver grande actividade que se sabe ter sido, até agora, compensada com magníficos resultados artísticos.

Nas últimas cenas filmadas próximo de Santarém, entregado bravo, tomaram parte Linda de Miranda e António Vilar, que desempenha igualmente as funções de maquilhador.



Ann Sothern e Rita Johnson as duas principais interpretes de «Maisie, feiticeira negra»

fotografias a cores



SÓ COM

DUFAYCOLOR

J. C. ALVAREZ, LIMITADA

tudo para fotografia e cinema

205 - Rua Augusta - 207 ★ LISBOA



B. B. C.

A Voz de Londres fala
e o mundo acredita

Emissões em Língua Portuguesa

Primeira Emissão às 11,45	24,92 m. (12,04 mc/s)
	19,76 m. (15,18 mc/s)
	13,86 m. (21,64 mc/s)
Segunda Emissão às 13,15	31,75 m. (9,45 mc/s)
	24,92 m. (12,04 mc/s)
	19,76 m. (15,18 mc/s)
Terceira Emissão às 22,00	31,75 m. (9,45 mc/s)
	40,98 m. (7,32 mc/s)
	41,75 m. (7,18 mc/s)
	261,10 m. (1,149 kc/s)
	1.500,00 m. (200 kc/s)

*Fica anotado que a partir de 25 de Outubro,
quando a hora em Portugal for mudada, estas
emissões serão ouvidas uma hora mais cedo.*

MUNDO GRÁFICO



Um dos aviadores
da gloriosa R. A. F.
que na Africa
e na Europa
têm destruído
implacavelmente
o poder do
inimigo